

EDITORIAL

Análise dos resultados dos leilões do setor elétrico realizados em dezembro de 2017

Em dezembro de 2017, a expansão do setor elétrico brasileiro foi retomada com a realização de leilões de geração e um leilão de transmissão. Foram realizados leilões de energia nova A-4 e A-6, além de leilões de energia existente A-2 e A-1. Em todos os certames, a aquisição de todos os lotes em negociação, além da alta competitividade nos lances e deságios significativos, indicam que os agentes do setor estão não apenas ávidos por investimentos, após anos de pouca atividade, mas também otimistas com as perspectivas de desenvolvimento do setor e do país.

O leilão de transmissão de 15 de dezembro não foi o primeiro a ser realizado em 2017, mas foi mais bem sucedido que o leilão anterior, realizado em 24 de abril. Enquanto que, no leilão de abril, quatro lotes não tiveram interessados e não receberam lances, todos os lotes negociados em dezembro foram adquiridos, a um deságio médio de 40,46%. Outra característica importante do leilão foi a ausência de empresas estatais dentre as vencedoras dos lotes — a primeira vez, desde 2000, que isso ocorre. Empresas ligadas à Eletrobras, como Furnas e Chesf, não foram autorizadas pela ANEEL a participar do certame devido a atrasos na execução de linhas de transmissão adquiridas em leilões anteriores.

A ausência das estatais e as condições de financiamento, além do design do leilão, foram vistos como grandes responsáveis pelo sucesso do certame. A forte participação do setor privado, que adquiriu todos os lotes do leilão, pode indicar uma nova tendência, em que a competição é priorizada com o objetivo de aumentar a eficiência e proporcionar menores custos de investimento no setor elétrico. Uma política eficiente para este não deve escolher campeões específicos, independente do perfil das empresas, privadas ou estatais, mas sim dar condições para que o mercado competitivo e regulado funcione corretamente.

O governo atribui o sucesso do certame ao design do leilão, que já havia sido modificado para leilões anteriores. A ANEEL agora atua como gestora dos contratos, não apenas como fiscalizadora, acompanhando a execução do projeto para evitar atra-

sos. Além disso, a elevação da rentabilidade dos projetos, realizada pela ANEEL, e o maior prazo para a construção das linhas também contribuíram para o aumento no número de interessados e para o resultado final do leilão[2]. Ademais, proibir que empresas com obras em atraso participem dos certames envia um importante sinal ao mercado — sinal este que foi ainda mais acentuado ao se vetar a participação de estatais em tal situação.

Mesmo com a ausência das estatais, os deságios na negociação dos lotes foram substanciais, indicando que as empresas do setor privado vêm buscando maneiras de aumentar sua competitividade. Por exemplo, a Engie, vencedora do Lote 1, que vai investir R$ 2 bilhões para construir 1.146 quilômetros de linhas de transmissão no Paraná, atribui sua competitividade à redução do capex na realização do projeto, que será possível devido a soluções de engenharia e condições favoráveis junto às empresas de construção e fornecedores de equipamentos. Além disso, por já ter firmado pré-contratos com grande parte desses fornecedores, a empresa pretende antecipar o prazo de construção do projeto[3]. Medidas como essas são bem-vindas, indicando como a competição pode atuar para reduzir custos que serão transmitidos às tarifas pagas pelo consumidor. Além disso, essas empresas privadas têm acesso a financiamento internacional, a valores mais atraentes, contribuindo para uma maior oferta de ativos à sua disposição. Entretanto, a atuação da ANEEL, fiscalizando esses projetos para garantir que eles são e continuem viáveis, deve ser ainda mais presente.

Ademais, a maioria das empresas vencedoras no leilão de transmissão é de grande porte, com tradição no setor — fator que se traduz em redução de risco dos empreendimentos. Observou-se também uma maior diversificação entre os ganhadores. Possivelmente não deverão se repetir casos como o da Abengoa, uma empresa espanhola que foi afetada pela crise naquele país. Por fim, o aprimoramento na habilitação das proponentes, com a exigência de experiência prévia e da restrição a empreendedores com histórico de atrasos, contribui para a segurança dos certames. O próximo leilão de transmissão está previsto para junho de 2018, contribuindo para continuar a expansão do SIN e proporcionar segurança ao sistema em um momento de retomada da economia nacional.

Os leilões de geração também foram vistos como bem-sucedidos pelos agentes do setor. Assim como no caso da transmissão, o resultado desses pleitos também foi marcado pelo deságio expressivo no preço da energia contratada das diferentes fontes, o que representa um grande alívio para as distribuidoras. Além do alto número de empreendimentos cadastrados, o que levou a uma forte competição, outros fatores foram determinantes para esse resultado, como a capacidade ociosa da indústria, que enfrentou um longo período sem novos projetos, e a sinalização de queda na taxa de juros, o que cria incentivos para o investimento na área, principalmente em um momento em que o país apresenta sinais de recuperação econômica.

2 http://www.valor.com.br/empresas/5230185/sem-estatais-setor-privado-vence-leilao-de-transmissao
3 https://www.canalenergia.com.br/noticias/53046284/engie-quer-antecipar-em-ate-um-ano-lts-e-subestacoes-arrematadas-em-leilao

Ao analisar o perfil dos projetos vencedores, também se observa o predomínio de empresas com experiência no setor, o que ajuda a reduzir o risco dos novos empreendimentos. Do ponto de vista financeiro, é interessante observar a participação de fabricantes como sócios, que dessa vez ainda contou com menor participação do BNDES, o que pode marcar uma nova tendência no setor.
A fonte eólica arrematou 51 diferentes projetos, com uma capacidade total de 1450 MW e preço médio com deságio superior a 64% frente ao teto. Assim, essa fonte confirma a tendência de aumento na participação da geração, principalmente no NE, onde vem respondendo por mais da metade da energia gerada nesse subsistema nos últimos meses.

A geração solar fotovoltaica obteve destaque no A-4. No entanto, é importante ressaltar que sua participação ficou restrita a esse certame, que teve um baixo montante de energia contratada, o que acabou por acirrar a competição e contribuir para o preço médio final de $145,68/MWh, valor equiparável às demais fontes. Sendo assim, é possível que esse preço não se repita nos próximos leilões. Gera preocupação ao setor fotovoltaico, agora, o fato de não haver nenhum projeto previsto para o biênio 2019-2020. Na tentativa de impedir que esse hiato prejudique a indústria, a Associação Brasileira de Energia Solar Fotovoltaica (Absolar) recomendou ao MME que planeje ainda para este ano um leilão A-2 que inclua a fonte fotovoltaica, como um Leilão de Fontes Alternativas (LFA)[4].

Outro fator de destaque foi a contratação de termelétricas a gás a preços competitivos. Cerca de 56% da capacidade de geração contratada no A-6 corresponde a 2 empreendimentos desse tipo, ambos no Rio de Janeiro, no centro de carga do sistema. Esses empreendimentos despacháveis favorecem a operação, em virtude de absorver a variabilidade das fontes renováveis. Por outro lado, não houve contratação de fontes despacháveis no NE, subsistema que conta com maior participação de fontes intermitentes e cujos reservatórios vêm apresentando volume muito baixo, o que pode demandar o despacho de térmicas mais caras para garantir a confiabilidade do sistema e que deve ser motivo de atenção nos certames futuros.

Por fim, foram realizados os leilões de energia existente A-1 e A-2. Nesses certames, foram realizadas contratações pontuais, que segundo a Abradee representa menos de 1% do total da demanda das distribuidoras do país e que foi suficiente para assegurar o atendimento à demanda para o ano de 2018.

No dia 4 de abril, ocorrerá um novo leilão A-4, para o qual foram cadastrados 1.672 projetos, com capacidade total de 48.713 MW. As fontes eólica e fotovoltaica mais uma vez lideram os cadastros, tanto em número de empreendimentos quanto em capacidade de geração. Além deste certame, o Conselho Nacional de Política Energética (CNPE) indicou que existe a possibilidade de realização de outros 3 leilões ainda este ano,

[4] https://www.canalenergia.com.br/noticias/53045624/leilao-a-4-apesar-do-alivio-demanda-frustra-associacoes

sendo um A-6, um para o suprimento de Roraima e outro para fontes alternativas.

Em suma, os leilões realizados em dezembro de 2017 foram importantes para o país não apenas pelos resultados obtidos, com altos deságios, que se traduzirão em economia para o consumidor, como também por indicarem novas tendências para o setor. Com a retomada do crescimento econômico, mais leilões estão previstos para 2018. A fim de garantir que esses certames também sejam bem-sucedidos, deve-se buscar a continuidade no emprego de boas práticas, além de endereçar as questões levantadas pelos agentes do setor, assim garantindo previsibilidade ao mercado em um momento crucial em que o país está retomando o crescimento e muito necessita dessa segurança.

* Este texto não deve ser citado como representando as opiniões da Fundação Getulio Vargas (FGV). As opiniões expressas neste trabalho são exclusivamente da equipe de pesquisadores do grupo FGV Energia.